

Francisco Saturnino Rodrigues de Brito

Por alguns jornais tem passado abundante, o fluxo do nosso urbanismo precoce, difundindo as suas ideias e a sua autoridade sobre os traçados das cidades, artísticos e geométricos, pitorescos e monótonos, e sobre as habitações salubres e os agrupamentos de tugúrios malsãos, chamados "favelas" pelos cariocas, por lhes ter impressionado o que se vê ou se diz na povoação do morro da Favela, embora não constitua exemplo único no perímetro urbano desta capital.

\* Publicado em "O Jornal", 1927.

Alguns dos nossos urbanistas já se preparam para mentores do colega ou cicerone do mestre estrangeiro que virá resolver em dois tempos o problema desta complicadíssima e extensa cidade. Outros são desfavoráveis à colaboração dos que, realmente devem saber mais que nós, ou, pelo menos, serão mais ouvidos e acatados, na forma do costume – o que não é pouco e poderá ser "meio caminho... por andar".

Parece-me que vem de molda dar um pouco de ânimo aos que se manifestam envergonhados com as nossas "favelas" e pensam que, por patriótico pudor, não devemos mostra-los ao Snr. Agache, apesar do futurista Marinetti acha-las pitorescas e dignas de conservação... passadista, talvez por serem os tugúrios italianos piores que os nossos... Para que não nos envergonhemos e divirtamos o Snr. Agache com os nossos habituais exageros contra as nossas coisas, fatos e homens, chega-nos a propósito o n. 2, de 15 de fevereiro de 1927 da revista *L'Eau* de Paris, com uma notícia, à pág. 21, sobre os tugúrios da *Ville-Lumière*...

O Sr. Gabriel Maurière descreve o espetáculo dos tugúrios nos arredores de Paris, em que as populações se instalam "au petit bonheur, s'agregent sans plan et sans méthode", representando "um vasto esforço na desordem e o caos". E assim Paris "s'avance peu à peu". As paredes das habitações elevam-se às pressas "en meulière, en bois, en machefer". Uma aglomeração de 150 a 200 mil habitantes forma-se em torno de Aulnay-sous-Bois; Stains passa de mil a sete mil habitantes. "Des excroissances monstrueuses se forment à la ceinture de la capitale (Paris), des épithélioma dont les cellules prolifèrent sans règle ni mesure".

"Ils ne manquent pas de pittoresque, ces villages, ces bourgs, ces lotissements qui se créent en quelques mois, véritables cités-champignons".

Algumas destas construções não são mais que "miserables cabanes squameuses, faites de planches de demolitions, de tôles rouillées, d'où sort un tuyau de poêle".

Mas parece que se está a descrever as nossas "favelas", as "caixas de fósforos" de Santos, os "mucambos" de Recife... Não lhes falta, nem acha-los "pitorescas", na sua miséria, nem o material de construção: - tábuas velhas, folhas de lata enferrujada, etc. Até o modo de fazer, às pressas, com a colaboração da família e dos amigos, alegremente; - "on aime son logis comme un enfant: on l'a fait".

Agora a feição sanitária: - as ruas (diz o autor francês), se assim se podem chamar estas vias, estão cheias

de detritos de toda natureza. Com quatro metros de largura, esses caminhos não podem ser classificados de utilidade pública, nem receber canalizações de água: - os proprietários recorrem aos poços, de pequeno custo pois a água está quase à flor da superfície. Mas a água é dura, calcária, intragável: “Bah! On boit du vin”.

Outro problema não resolvido: - os despejos de esgotos são lançados à superfície e vão contaminar as águas subterrâneas de que se servem. É um perigo público, diz o autor francês.

Todas estas aglomerações cheiram mal no verão, devido à podridão dos detritos. Mas (diz o mesmo autor), enquanto isto acontece a T. S. F. lança sua antena e “nasile” os grandes concertos da Europa, e dá as cotações da Bolsa e uma conferência de Cambridge...

E (diz o autor parisiense) enquanto os poderes públicos, os oradores humanitários, as mulheres de bem, pontificam, peroram sobre o progresso social, o aperfeiçoamento da raça – centenas de aldeias, como as dos negros da África, se edificam nos arredores, “aux portes de la Ville-Lumière et

s’étendent tous les jours davantage, comme des plaies lépreuses sur un corps malade”.

“Pourtant, ne soyons pas trop sevères”. Então, ele vê nestas construções um belo esforço de trabalho, um impulso para a independência, para a propriedade pessoa do *home* (isto é do lar)... Nestas “aldeias marroquinas” só se ouve rir, assobiar, cantar. Só se vê gente que trabalha, que se diverte, que graceja e *vive*.

Não se deve criticar, diz o autor, estes operários, e sim a má organização, a desordem que se observa nos serviços municipais elementares.

Conclusão: - em Paris, e no Rio de Janeiro, a mesma questão, a mesma linguagem, as mesmas aspirações e... tudo fica no mesmo estão, infelizmente.

Será o caso dos nossos urbanistas procurarem saber por que os mestres não fizeram na França o que desejamos que façam aqui. Se isto acontece porque “santo de casa não faz milagres”, poderão propor-lhes que façamos uma permuta, indo para Paris um dos nossos mais entusiasmados demolidores das “favelas”.

Rio, 20 de maio de 1927.